

SALA DE ESPERA NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

1 Dayane Madalena Lima Romão; 2 Eduarda Maciel de Araujo; 3 Nathanael de Souza Maciel.

1 Graduando em enfermagem pela Universidade da Integração Internacional e Lusofonia AfroBrasileira – UNILAB; 2 Graduando em enfermagem pela Universidade da Integração Internacional e Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB; 3 Pós-graduando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará- UECE;

Área temática: Inovações em ensino e educação em saúde

Modalidade: Comunicação Oral

E-mail do autor: madalenaaromao.unilab@gmail.com

RESUMO

INTRODUÇÃO: Durante o período gravídico-puerperal, o corpo feminino passa por diversas mudanças fisiológicas em consequência da ação hormonal e, por vezes, patológicas e psicológicas. Nesse contexto, orientar a mulher acerca das alterações durante essa fase da vida se torna imprescindível, para que a mesma possa participar ativamente, tanto do processo gestacional e seus cuidados, como manter sua autonomia durante o trabalho de parto. **OBJETIVO:** relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem acerca de uma ação educativa na Atenção Primária à Saúde sobre violência obstétrica. **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência acerca do desenvolvimento de uma ação de educação em saúde, voltada às gestantes, sobre orientações relacionadas às violências obstétricas. **RESULTADOS:** A ação propiciou o estabelecimento de um vínculo entre os acadêmicos mediadores e as participantes, criando um ambiente de troca de conhecimento, dado que a discussão das afirmações foram reforçadas por relatos e experiências das próprias pacientes. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A atividade de educação em saúde repercutiu de maneira positiva na formação de novos profissionais, uma vez que promoveu um contato direto com os usuários do sistema de saúde, tornando-se uma vivência de aprendizagem.

Palavras-chave: Enfermagem, Educação em saúde, Cuidado pré-natal.

1 INTRODUÇÃO

Durante o período gravídico-puerperal, o corpo feminino passa por diversas mudanças fisiológicas em consequência da ação hormonal e, por vezes, patológicas e psicológicas (REZENDE, 2014). Nesse contexto, orientar a mulher acerca das alterações durante essa fase da vida se torna imprescindível, para que a mesma possa participar ativamente, tanto do processo gestacional e seus cuidados, como manter sua autonomia durante o trabalho de parto.

O parto é uma experiência única e individual, demandando uma assistência direcionada às particularidades da parturiente. Nesse sentido, o Ministério da Saúde (2002), propôs o Programa de humanização no pré-natal e nascimento, com o intuito de garantir o acesso à assistência de qualidade durante todo o processo, bem como assegurar a segurança do binômio mãe-filho.

No contexto do avanço tecnológico do século XX, o parto passou do domicílio para o ambiente hospitalar, proporcionando a redução da morbimortalidade materna e neonatal. Dessa forma, a assistência ao parto tornou-se mais segura em relação à prestação de cuidados em casos de complicações durante o trabalho de parto. No entanto, o uso exacerbado de medidas farmacológicas e intervenções desnecessárias, passaram a violar os direitos femininos, configurando-se assim, como violências obstétricas (LEAL, 2018).

Diante do cenário de diversos relatos de violência no trajeto de pré-natal, parto e puerpério, a Organização Mundial da Saúde reconheceu as violências obstétricas como um problema de saúde pública (LANSKY, 2019). Tendo em vista o crescente número de casos, a pesquisa Nacer no Brasil reuniu dados a partir do acompanhamento de 23.894 puérperas, que relataram suas experiências de parto. Dentre elas, mais de 90% não tiveram liberdade de posição, sendo mantidas em posição de litotomia, mais de 50% foram submetidas a episiotomia, além de intervenções farmacológicas desnecessárias que, por vezes, resultam em iatrogenias (LEAL, 2012).

Nesse sentido, visando a melhoria na assistência à saúde da mulher, faz-se necessário um resgate da autonomia feminina por meio de ações que a empoderem durante esse ciclo, trazendo de volta seu protagonismo e valorizando seus direitos (LANSKY, 2019). Por conseguinte, compete aos profissionais de saúde prezar pela ética no cuidado e realizar orientações de modo a tornar esse momento cada vez mais humanizado.

Desse modo, a atividade poderá impactar a qualidade da saúde da comunidade, uma vez que visa contribuir para uma experiência confortável e segura, reforçando para a mulher os seus direitos. Assim, objetivou-se relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem acerca de uma ação educativa na Atenção Primária à Saúde sobre violência obstétrica.

2 MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência acerca do desenvolvimento de uma ação de educação em saúde, voltada às gestantes, sobre orientações relacionadas às violências obstétricas, seus direitos durante o pré-natal, parto e puerpério. A atividade foi executada em uma Unidade Básica de Saúde no interior do Estado do Ceará, no período de julho de 2022. O público-alvo constituiu-se de 6 gestantes, independente da idade gestacional, e 9 mulheres não gestantes.

A ação de educação em saúde ocorreu na sala de espera das gestantes para a consulta de pré-natal. Desse modo, para o desenvolvimento da ação, os acadêmicos abordaram as temáticas por meio de uma dinâmica intitulada “Essa afirmação é verdade ou mito?”, a qual foi embasada na leitura de afirmações, elaboradas com base em literatura científica, relacionadas aos temas: Violências obstétricas e direitos da gestante. As participantes expressaram suas opiniões através de uma placa com duas opções de resposta, sendo elas, “verdade” e “mito”. Vale salientar que a idealização do formato de resposta da dinâmica visou o estímulo à participação do público. Após a leitura de cada afirmação e retorno das participantes, os acadêmicos discutiram a resposta correta junto aos membros do grupo, sanando suas dúvidas e desmistificando algumas questões.

Ao final da atividade, as participantes receberam um folder contendo as temáticas abordadas na dinâmica, elaborado pelo grupo de estudantes com base em literatura científica. Após a discussão das informações abordadas no folder, abriu-se um espaço para dúvidas das participantes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização da atividade de educação em saúde, obteve-se um quantitativo total de 15 participantes, de modo que seis eram mulheres gestantes, em diferentes trimestres, e nove eram mulheres não gestantes, dividindo-se entre acompanhantes e pacientes que aguardavam suas próprias consultas.

A ação propiciou o estabelecimento de um vínculo entre os acadêmicos mediadores e as participantes, criando um ambiente de troca de conhecimento, dado que a discussão das afirmações foram reforçadas por relatos e experiências das próprias pacientes. Isso caminha em concordância com Paiva *et al.* (2020), que aponta as atividades em grupo, especialmente no contexto da atenção primária à saúde, como grandes aliadas no desenvolvimento da prática da enfermagem, possuindo um caráter social no processo de trabalho, fortalecendo o vínculo com a comunidade. Para que tal

ação seja de fato satisfatória, faz-se necessário a boa comunicação e um planejamento adequado, visando a otimização de recursos e benefícios.

É pertinente considerar que no Brasil, de acordo com Zanardo *et al.* (2017), os relatos de violência obstétrica têm crescido nos últimos anos, incluindo tanto a agressão verbal, quanto psicológica e física. Este é um tipo específico de violência contra a mulher, sendo considerado também, uma questão de saúde pública.

A escolha da dinâmica apresentou-se como um facilitador da ação, uma vez que possibilitou as participantes interagirem de maneira mais fluida e ativa, incentivando-as a responderem às afirmações sem preocupar-se em explicar suas respostas, diminuindo a apreensão de errar e, consequentemente, facilitando o compartilhamento de dúvidas, receios e opiniões sem o medo. Nesse sentido, a educação em saúde é uma das ferramentas mais efetivas para a promoção da saúde e prevenção de agravos, sendo ainda capaz de proporcionar uma troca de conhecimento e experiências entre profissionais e comunidade (CARDOSO *et al.*, 2019).

No decorrer da educação em saúde, a rotatividade de pessoas, por se tratar de uma sala de espera, tornou-se um desafio para a aplicação da dinâmica, uma vez que as usuárias entravam no consultório e em seguida deixavam a unidade de saúde. Em decorrência do fluxo, a atividade foi rápida e dinâmica, com o intuito de estimular ao máximo a participação do público. Nesse âmbito os facilitadores puderam desenvolver competências e habilidades relacionadas à comunicabilidade e gestão do tempo. Isto foi crucial para a participação efetiva, pois tornou a experiência mais rica, com o compartilhamento e troca de conhecimentos entre acadêmicos e comunidade, criando assim um vínculo e um ambiente de aprendizagem.

4 CONCLUSÃO

A atividade de educação em saúde sobre violência obstétrica no âmbito da atenção primária à saúde repercutiu de maneira positiva na formação de novos profissionais, uma vez que promoveu contato direto com os usuários do sistema de saúde, tornando-se uma vivência de aprendizagem. Salienta-se que o profissional enfermeiro é, em sua essência, um educador em saúde. Assim, experiências como essas fortalecem o desenvolvimento de suas habilidades enquanto futuros profissionais.

Portanto, é necessário que tais ações sejam recorrentes dentro do contexto da estratégia de saúde da família, garantindo assim uma assistência qualificada e pautada no ensino, bem como, assegurando conhecimento e empoderamento da população.

REFERÊNCIAS

- BRASIL; Ministério da Saúde; Secretaria Executiva. **Programa Humanização do Parto**: humanização no pré-natal e nascimento. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 28 p.
- CARDOSO, Raquel Ferreira *et al.* Educação em saúde na assistência pré-natal: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s. l], v. 23, n. 23, p. e397, 2019.
- LANSKY, Sônia *et al.* Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 8, p. 2811-2824, 2019.
- LEAL, Sarah Yasmin Pinto *et al.* Percepção da Enfermeira Obstetra acerca da violência obstétrica. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 23, n. 1, p. e52473, 2018.
- MONTENEGRO, Carlos Antonio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge de. Modificações do Organismo Materno. In: MONTENEGRO, Carlos Antonio Barbosa; REZENDE FILHO, Jorge. **Rezende Obstetrícia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. Cap. 7. p. 139-173.
- PAIVA, Mirtes Valéria Sarmiento *et al.* Educação em saúde com gestantes e puérperas: um relato de experiência. **Revista Recien - Revista Científica de Enfermagem**, [s. l], v. 10, n. 29, p. 112-119, 2020.
- ZANARDO, Gabriela Lemos de Pinho *et al.* Violência Obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 29, p. e155043, 2017.